

JORGE WANDERLEY

Wallace Stevens
MANHÃ DE DOMINGO

Complacências do *peignoir* e um café
Tardio; laranjas, cadeira ao sol,
Verde liberdade de periquitos
Sobre estampados – para dissipar
A paz de santo, antigo sacrifício.
Ela sonha um pouco e sente a sombria
Invasão daquela velha catástrofe,
Calma que se ensombrece na água clara.
As doridas laranjas, asas verdes,
São coisas de uma procissão de mortos
Cruzando mares largos, sem ruído.
É largo mar o dia, sem ruído,
Imóvel sob seus passos sonhadores
Que buscam a silente Palestina,
Os domínios do sangue e do sepulcro.

Por que doar aos mortos sua graça?
Que divindade é esta, que somente
Em sombra e sonho pode aparecer?
Não terá ela, ao conforto do sol,
Em doridas frutas ou verdes asas
Ou noutra terrena beleza ou bálsamo
Um equivalente da imagem do céu?
A divindade deve morar nela:
Paixões da chuva, os humores da neve,
Pranto na solidão, a inconquistada
Soberbia quando o bosque floresce,
Rude emoção das noites outonais,
Todo o prazer e a dor em lembrar
Ramagens de verão, galhos de inverno.
Eis o metro que à alma lhe convém.

Em nuvens teve Júpiter seu parto;
Não foi amamentado e nenhum reino
Lhe fez à mente largas reverências.
Ele esteve entre nós, rei sussurrante,
E andaria divino entre gentios
E nosso sangue virgem fundiria
Com o céu, recompensando desejos,
E mostrando-se aos simples numa estrela.
Cessará nosso sangue? Ou será ele
O sangue do paraíso? E a terra
Será o paraíso que saibamos?
O céu será então bem mais amigo,
Parte trabalho e parte sofrimento,
Próximo em glória a um amor eterno;
Não este azul inócuo e divisório.

Ela diz – “Amo pássaros despertos
Quando antes de voar, ao recearem
Os campos nebulosos, se interrogam;
Mas quando partem e ao seu campo amigo
não mais retornam, perco o paraíso”.
Não há nenhuma profecia intrusa,
Nenhuma velha quimera de túmulos,
Nem o subsolo dourado, nem ilha
Melodiosa que os detenha em casa,
Nem visionário sul, palma nublada
Remota nas montanhas, que durassem
Como os verdes de abril; ou que valessem
A lembrança de pássaros despertos,
Seus anseios de junho, a tarde, o toque –
Consumação das asas da andorinha.

Ela diz – “Mas ainda me agrada
que haja necessidades imortais”.
A morte mata o belo; assim vem dela
Toda a satisfação dos nossos sonhos

E desejos. Embora espalhe as folhas
De implacável ruína em nossa estrada,
A via triste escolhe, de entre muitas,
Nas quais reboa a frase de triunfo
E o amor, desde a ternura, sussurrado,
Faz o salgueiro tremular ao sol
Para donzelas -- que sentadas olham
A relva, abandonadas sobre os pés.
E ela faz que os rapazes acumulem
Peras e ameixas que as donzelas provam
Para se apaixonar às folhas soltas.

No paraíso não se altera, a morte?
Não cai maduro o fruto? Ou pendem ramos
Pesados sempre contra um céu perfeito
Enquanto, como a terra moribunda,
Com rios como os nossos, que procuram
Mares e praias que jamais encontram,
O fim -- dor fragmentária -- não se alcança?
Por que guardar as peras nos outeiros
Ou perfumar as praias com ameixas?
Ah, que lançassem mão de nossas cores,
Rio de seda que nos tece as tardes,
E às cordas do alaúde dessem vida!
A morte é a mãe da beleza e é mística
E em seu ardente peito divisamos
Nossas terrenas mães, sem sono à espera.

Turbulentos, ágeis, homens em roda
Hão de cantar à manhã de verão
Sua ruidosa devoção ao sol,
Não como um deus, mas como um deus devia
Estar: entre eles, nu, fonte selvagem,
E seu canto será paradisíaco
Voltando de seu sangue para o céu;

Nele estará cada uma das vozes:
Brisas do lago, encanto de seu mestre.
As árvores seráficas e os montes,
O coro entre eles mesmos prolongado.
Conhecerão a amizade que existe
Entre os mortos e as manhãs de verão.
E assim como vieram, quando forem,
O orvalho brilhará sobre seus pés.

Ela escuta, na água silenciosa,
A voz que diz “A tumba em Palestina
Não é portal de espíritos tardios.
É o túmulo de Jesus que aí jaz”.
Vivemos neste velho caos do sol,
Na velha dependência: noite, dia
Ou solidão ilhada isenta e livre
Deste oceano largo, inelutável.
Enquanto corre o gamo nas montanhas,
Ouve-se o grito das codornas, ríspido.
Cachos amadurecem em segredo;
E à noite, no isolamento do céu
Um bando casual de pombos faz
Ondulações ambíguas no mergulho
Rumo da sombra, as asas estendidas.